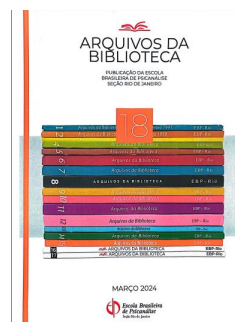


Encantar♦

Marcus André Vieira



Referência

Vieira, M. A. Encantar. Arquivos da biblioteca, n. 18. EBP-Rio: Rio de Janeiro, 2024.

[Capa e índice](#)

0.

Acabamos de ouvir uma fala que diz muito. E por seu próprio modo de redação e apresentação, essa fala convida os psicanalistas a uma prática que não é tradicionalmente a deles: um fazer coletivo.

Tendemos a pensar, de modo simplista, uma antinomia, uma oposição entre o universal, que seria o nome do coletivo e o singular, reino do individual.

Não. Uma fala coletiva pode fazer vibrar elementos singulares. E eles produzem a fascinante experiência de sentir que, ali, naquela fala, há muito mais do que se ouve.

Melhor dizendo: O que se ouve é muito mais do que se escuta. É a própria lógica de uma análise: fazer ouvir o que não se escuta no que se diz (segundo a célebre fórmula de Lacan em *O Aturdido*).

O que eu quero, então, é fazer reverberar o que, do que acabamos de ouvir, anda junto com a prática analítica. Há muita convergência com a experiência do inconsciente em seus efeitos de mudança e transformação.

Entendo que coordenação da jornada, em seu trabalho prévio, visou colocar em cena, aqui, nesta mesa, no encontro anual de nossa comunidade, essa convergência e não tensão, entre a prática habitual do psicanalista, dita de atendimento individual, de encontro entre dois corpos e a prática de fazeres coletivos. Por isso, agradeço muito o convite.

É o que pode nos levar, espero, a conversar a partir do que há de singular em uma enunciação coletiva. Esse é o primeiro ponto que eu gostaria de destacar.

1.

Há sempre no ar a ideia de que o um-por-um, tão caro à análise, se dissolve no coletivo. Mas não necessariamente. Depende de que “um” estamos falando.

Se for o Um da exceção, de quem está acima, dono de sua obra, esse tipo de autor sim.

Realmente, esse tipo de autoria se perde um pouco quando recebemos ideias a partir de vários encontros, entre vários, de várias ações ou de preparações para ações. As mensagens são,

♦ Comentário da apresentação “O corpo entre identidade e identificação” de Igor Mello, Kayla Soares e Jamai Cana, pelo coletivo negro de psicologia Neusa Santos, *XXX Jornadas Clínicas da EBP-Rio/ ICP-RJ*, UERJ, 2023. Texto publicado em Arquivos da biblioteca, n. 18. EBP-Rio: Rio de Janeiro, 2024, pp. 368-364.

assim, transmitidas no espaço coletivo. Elas dificilmente podem ser encampadas por um indivíduo somente.

Mas é essa exatamente a força desse modo de ação, coletivo, que se difunde e apresenta alto poder de resistência em nossa sociedade.

Para a prática da psicanálise, o fato da autoria, de uma identidade fixa do autor ser diluída ou, melhor, compartilhada, não me parece reduzir o interesse do que se diz, desde que no que se diga haja dizeres abertos, não ditos fechados.

A questão não é tanto de autoria, mas de autorizar-se.

Autorizar-se a sustentar uma fala a partir de uma maneira própria de dizê-la. Assim entendo o texto que ouvimos. Costurado entre vários, mas mantendo a vibração de suas vozes.

Um texto não precisa de um autor para ser vivo.

Aliás, não será a mesma coisa numa análise? Desde o início, Lacan propõe que se ouça o discurso analisante como um texto, em que a autoria do ego seja relativizada. Só assim se pode ouvir o tanto de singularidades do material inconsciente entremeado na fala do ego.

O esvaziamento do autor já uma ideia de Foucault, mas em nosso país é imperativo que assim seja. Lembremos do que ocorre aqui em que recebemos notícias de um passado silenciado, com arquivo destruído, como de nossa história escravista. As singularidades chegam assim, sem autoria definida.

Essa forma de troca e criação, coletiva, é necessária quando indivíduos são reduzidos a seus corpos e seus corpos tomados por uma desumanização e silenciamento radicais. Como autorizar-se a falar diante da bala? Para isso, é preciso que vários, muitos falem, e ao mesmo tempo.

2.

A fala de vocês, poética e precisa ao mesmo tempo, traz um diagnóstico concreto e uma proposta de ação (apoiada também no texto de Freud, sobretudo o *Futuro de uma ilusão*).

O diagnóstico é o do pacto da branquitude que se define como uma ilusão: a de uma humanidade natural para alguns corpos, sem que se perceba a desumanização violenta para o resto deles.

A proposta é a do encantamento do mundo, resgatando-se a possibilidade de iludir-se, mas de outro modo.

O diagnóstico: é preciso destronar a idealização das identidades fixas. Se há uma identidade fixa é identidade branca. É por aí, parece necessário começar. É então uma crítica ao identitarismo branco - o de considerar que o indivíduo é um, sempre mais ou menos igual a si mesmo e sem cor.

Difícil sairmos disso. Minha tendência, por exemplo, sempre foi a de tomar meus ideais como ideais da humanidade. Em algum momento, relativamente recente, foi preciso viver a ideia de que estes talvez fossem apenas os ideais de um grupo, que se reconhece pela crença em uma identidade universal, única e incolor.

A análise nos dá a possibilidade de descrever de nós mesmos. Para mim, me deu a possibilidade tanto rir um pouco de meus demônios como de descrever da universalidade de meus ideais.

Resta entender porque os agrupamentos de psicanalistas parecem ter muito mais dificuldade de rir de suas crenças fundadoras do que os psicanalistas um por um (conseguir não superpor hierarquia e autoridade analítica, por exemplo).

Então, em vez de identitarismo branco, estaríamos falando em desidentificar-se? Em uma multiplicidade de identificações?

3.

Então, em contraposição ao pacto da humanidade branca, o pacto da multiplicidade viva de um encantamento do mundo.

É um re-encantamento, em certo sentido, porque já houve um desencantamento e foi explicitado, por Weber. A história é cíclica, o mundo já foi encantado. O próprio espaço europeu. Quando ocorreu a instauração do mundo dito ocidental, europeu, colonial, mas também a aliança entre ciência e mercado, ocorreu também um desencantamento.

J. A. Miller em seu curso *O desencantamento da psicanálise* interroga justamente se a psicanálise poderá reencantar o mundo em um tempo em que os planetas não falam mais, nem as árvores ou os rios.

É uma questão muito atual, mas sobretudo clínica: como se encanta a vida de alguém sem ser pela crença em algo divino, maior, paterno/patriarcal.

O encantamento vai muito além do que apenas uma crença. É arte de sobrevivência, resistência criativa.

Ele me parece muito convergente com a prática analítica. O desencantamento do ego é necessário para uma análise andar. Basta que lembremos como a experiência do inconsciente é justamente a de uma multiplicidade de desejos, uma multidão de pulsões que habitam os variados sentidos da língua.

Vejam como é importante. Não se trata de disputar com a neoliberalismo ou com as religiões de fundamento protestante, oferecendo a possibilidade do encantamento como alternativa. O tema de uma guerra de narrativas tem fôlego curto. Tanto um quanto outro cooptaram o colonialismo branco acrescentando a ele o gozo. A teologia da prosperidade não é apenas interdição, mas empuxo ao gozo, assim como o mercado.

Neste contexto, o encantamento não é apenas buscar outro modo de ver, mas de intervir a partir dele. É intervenção que se aproxima da interpretação analítica.

Vejam como entendo esse encantamento, vejam se concordam. Para encantar o mundo é preciso assumir que alguma coisa sempre pode ser outra que não ela mesma.

Na luta contra a necropolítica, assim como na contramão do identitarismo quando ele se faz ao modo neoliberal, é preciso sustentar, a todo instante, como em nossa cidade, desde nossa clínica, que um pobre possa ser outra coisa que não pobre, ou um negro ser negro, e uma mulher, mulher.

É a capacidade de leitura plural dos seres que me parece próxima a de Freud quando ele fala em um jogo tradução e retradução contínuas de traços, ou quando Lacan destaca como o significante é equívoco, como o significado sempre desliza.

Não seria por apostar nessa possibilidade de deslizamento, na equivocidade da linguagem e de suas memórias, de mutação de transmutação de um sentido em outro, que é possível apostar no encantamento do mundo?

Então, em vez de uma identidade, um composto mais ou menos coeso de traços identificatórios. Mas de onde viria a coesão? Queria entender melhor essa ilusão que vocês propõem com relação ao encantamento. Como entendo que esse deixar-se iludir faz parte de uma análise, me pergunto: Não seria a ilusão necessária para viver o fato de apesar de tantas mutações possíveis, ainda nos acreditarmos um? Mais ou menos coesos?

4.

Para concluir. No encantamento, que lugar dar aos nomes próprios?

A mulher pode ser vitória-régia, o homem João-de-Barro, mas ... Exu é Exu, por mais que assuma formas as mais variadas.

O nome, não apenas o nome próprio, mas tudo o que é só marca, que designa sem definir é a chave da interpretação analítica. Ele pode ser a âncora quando nos abrimos a essa dimensão de um si mesmo como aglomerado instável de memórias e sentimentos, metamorfose ambulante.

É o que propõe Lacan em seu *Seminário 2*. Na análise há o que resiste à nossa leitura, o mais importante, porém, é o que insiste, o que não se pode dizer. A isso, em vez de sentido, pode-se dar existência pela nomeação.

Encontrar os termos que sustentem o poder de intensidade transformadora do gozo. São os significantes que, na borda do real, podem tatuar-se em um corpo estabilizando-o de maneira singular.

São aquelas palavras inventadas pelos amantes para se designar ou pelas mães para se apropriar de seus filhos - exatamente aquelas resgatadas pela interpretação analítica para dar solo firme a quem o havia perdido. São, às vezes, uma quase invenção da própria análise. Não é o que contam os "nomes de gozo" tão presentes nos testemunhos de passe?

Hoje é preciso acessar esse poder do nome a partir das identidades e grupos, a partir das imagens e não apesar delas. Não se trata tanto de atravessar as aparências, de buscar seu avesso ou seu além, mas de sermos atravessados por esse imaginário?

Precisamos apostar nas nomeações que nos levem além. São aquelas que encontramos neste belo texto que acabamos de ouvir.

ARQUIVOS DA BIBLIOTECA

PUBLICAÇÃO DA ESCOLA
BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
SEÇÃO RIO DE JANEIRO



MARÇO 2024



Copyright © 2024 by Ondina Machado
Escola Brasileira de Psicanálise (EBP)
Seção Rio de Janeiro
Copyright © desta edição 2024

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.02.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência do autor.

CIP-BRASIL - CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) - Seção Rio de Janeiro
Arquivos da Biblioteca n. 18 - Rio de Janeiro: 2024.

A772 Arquivos da Biblioteca / Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, n. 18 (mar. 2024) - Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Rio, 2024.

384 p.
ISSN 1983-3308.

1. Psicanálise - Periódicos. 2. Escola. 3. Jornais de carter. 4. Ilusão. Título.

CDD 150.195
CDU 159.964.2

Catálogo da Fonte: Biblioteca da EBP-Rio
Bibliotecária: Jessica Nogueira Gomes

Arquivos da Biblioteca é uma publicação da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro
Endereço: Rua Capistrano de Abreu, 14 - Botafogo/ Cep: 22.271-000
Telefone da Secretaria: (21) 2539-0960
E-mail: ebprio@ebprio.com.br
Site: www.ebp.org.br/rij
Canal da EBP-Rio: www.youtube.com/channel/UCMur29wulJwZq2wOJzPWg?featured

Biblioteca da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro
Bibliotecária: Jessica Nogueira Gomes
Telefone da Biblioteca: (21) 2539-2721
E-mail: biblioteca@ebprio.com.br

CRÉDITOS

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Andréa Menezes

PROJETO GRÁFICO DE CAPA
Bruno Senna

CAPA/FOTO
Andréa Vilanova